

GEORG WILHELM FRIEDRICH HEGEL

CIÊNCIA DA LÓGICA

PRIMEIRA PARTE
A LÓGICA OBJETIVA

PRIMEIRO TOMO
A DOCTRINA DO SER

TRADUÇÃO DE MANUEL MOREIRA DA SILVA

[versão preliminar]

A PARTIR DA EDIÇÃO CRÍTICA ORGANIZADA POR FRIEDRICH
HOGEMANN E WALTER JAESCHKE

GUARAPUAVA
JANEIRO DE 2007

PREFÁCIO À PRIMEIRA EDIÇÃO

A mutação completa que o modo de pensar filosófico sofreu entre nós [alemães] desde aproximadamente vinte e cinco anos, [sobretudo] o ponto de vista superior que o Ser-autoconsciente do Espírito alcançou sobre si neste período de tempo, teve até agora ainda pouca influência sobre a configuração da Lógica.

Aquele [Ser-autoconsciente do Espírito] que antes desse espaço de tempo se chamava Metafísica foi, por assim dizer, exterminado e desapareceu da lista das ciências. Onde se deixam, ou onde se permitem, [ouvir] as vozes da Ontologia anterior, da Psicologia racional, da Cosmologia; ou mesmo, por ventura, onde ainda se deixam ouvir as vozes da antiga Teologia natural? Investigações sobre a imaterialidade da alma, sobre as causas mecânicas e finais, por exemplo, onde poderiam elas ainda encontrar um interesse? Também as provas de outrora do Ser-aí de Deus tornam-se agora tão somente provas históricas ou se as alegam apenas para fins da edificação e da elevação do ânimo. É um fato que se perdeu o interesse em parte pelo conteúdo, em parte pela forma da Metafísica anterior, em parte por ambos ao mesmo tempo. Se for estranho, por exemplo, que se tornem inúteis para um povo a ciência de seu Direito do Estado, suas convicções, seus costumes éticos e virtudes, tão estranho pelo menos também será que um povo perca sua Metafísica, que o Espírito que se ocupa com sua essência pura não tenha mais nele Ser-aí efetivo.

A doutrina exotérica da filosofia kantiana, – segundo a qual *ao entendimento não se permitiria ir além da experiência*, senão a faculdade de conhecer tornar-se-ia *razão teórica*, que por si não engendraria nada mais que quimeras –, [essa] justificou, do lado científico, a renúncia ao pensamento especulativo. Ao encontro dessa doutrina popular veio o clamor da pedagogia moderna – a miséria dos tempos –, que dirige os olhos [apenas] às carências imediatas; segundo a qual, como para o conhecimento a experiência seria o primeiro, assim também para o saber-fazer na vida pública e privada a profundidade teórica seria até mesmo nociva, e o essencial seria o exercício e a formação prática em geral, [para ela] unicamente o que seria aproveitável. Enquanto assim a ciência [em sua forma reflexiva] e o entendimento humano comum fazem o [mesmo] jogo para provocar o declínio da Metafísica, assim pareceu produzir-se o estranho espetáculo de se ver *um povo cultivado sem Metafísica*; como um templo diversamente ornamentado, mas, sem santuário. A Teologia, que nos tempos antigos [do

Cristianismo] era a guardiã dos mistérios especulativos e da Metafísica, ainda que a mantivesse dependente, renunciou a esta ciência em troca dos sentimentos, do conteúdo prático-popular e do elemento histórico em sua dimensão erudita. A tal mudança é correspondente que noutra parte [da vida cultural moderna] desapareceram aqueles solitários [que viviam] sacrificados por seu povo e que foram separados do mundo a fim de tornar presente a contemplação do Eterno e uma vida unicamente ao serviço desta contemplação, não por algum proveito [próprio], mas em vista da Benção divina; um desaparecimento que em um outro contexto pode ser considerado, segundo a essência, como o mesmo fenômeno que o há pouco mencionado. De modo que, depois da passagem desse eclipse, a ocupação incolor do espírito contraído dentro de si consigo mesmo, o ser-aí pareceu estar reduzido ao sereno mundo das flores, entre as quais, como se sabe, não há nenhuma que seja negra.

[Mas] as coisas não se passaram de todo tão ruins para a Lógica como [se passaram] para a Metafísica. Que por ela *se aprenda a pensar* – o que outrora valia por sua utilidade e por conseguinte pela finalidade da mesma, como se igualmente se devesse aprender a digerir e a se mover somente pelo estudo da Anatomia e da Fisiologia –, esse preconceito já se perdeu há muito tempo e o espírito [circunscrito ao elemento] do prático possivelmente não imaginou para ela melhor destino que o reservado à sua irmã. Apesar disso, provavelmente por causa de alguma utilidade formal, ainda se deixou para ela um lugar entre as ciências, mais ainda, ela foi mantida inclusive como objeto de ensino público. No entanto, essa melhor sorte refere-se tão somente ao seu destino exterior; pois sua configuração e conteúdo permaneceram os mesmos, tal como ele [o conteúdo] se herdou por uma longa tradição [Tradition], contudo, nessa Tradição, [Überlieferung] ele se diluíra e emagrecera sempre mais; o espírito novo que se abriu não menos à ciência do que à efetividade nela ainda não se deixou sentir. Porém, é certamente em vão querer transformar as formas da cultura anterior quando a forma substancial do espírito [já] se reconfigurou; elas são folhas secas que caem empurradas por novos brotos que surgem em suas raízes.

Também quanto ao conteúdo científico, [de um lado] se começa pouco a pouco a sair da ignorância das transformações universais. De um modo imperceptível até mesmo aos adversários as outras representações se tornaram corriqueiras e foram apropriadas [por estes], e se eles face às suas fontes e princípios permanecem com reservas e, com isso, se comportam de modo contraditório; assim terminam por sucumbir às conseqüências, e

não podem resistir à sua influência. Por seu comportamento negativo que se torna sempre mais insignificante, eles não souberam de outro modo dar uma importância positiva e um conteúdo, mais que em se pondo em uníssono com os novos modos de representação.

De outro lado parece haver passado o período de fermentação, com que se inicia uma criação nova. Em sua primeira aparição, tal criação costuma comportar-se com fanática hostilidade contra a sistematização expandida do princípio anterior; em parte, por temer também perder-se na extensão do particular, em parte, porém, por temer o trabalho que se exigirá para a especialização científica e, na exigência de tal especialização, por ter que recorrer, antes de tudo, a um formalismo vazio. Por isso, agora se torna tão mais urgente a exigência do aperfeiçoamento e especialização da matéria. Há um período na formação de um tempo, como na formação do indivíduo, onde se trata especialmente da aquisição e afirmação do princípio em sua intensidade não-desenvolvida. Porém, a isso se segue a exigência superior de que ele se transforme em ciência.

Agora, o que quer que seja também o já ocorrido a outro respeito para o conteúdo e para a forma da ciência, a ciência lógica, que constitui a metafísica propriamente dita ou a filosofia especulativa pura, tem se visto ainda muito negligenciada até o momento. O que eu entendo sob esta ciência e mais precisamente sob seu ponto de vista, eu tenho indicado preliminarmente na *Introdução*. Se também um trabalho de muitos anos não pôde dar a essa tentativa uma maior perfeição, seria desejável aos que julgam de modo equitativo ter em conta a necessidade de se começar de novo desde o início com esta ciência, a natureza do objeto de conhecimento ele mesmo e a carência de trabalhos anteriores que poderiam ter sido utilizados. O ponto de vista essencial é que se trata em geral de um conceito novo do tratamento científico. A filosofia, enquanto ela deve ser ciência, como eu tenho lembrado em outro lugar, não pode emprestar seu método de uma ciência subordinada, como é a matemática, tampouco dar-se por satisfeita com as asserções categóricas da intuição interior ou servir-se do raciocínio fundado sobre a reflexão exterior. Ao contrário, ele só pode ser a *natureza do conteúdo*, o qual se move no conhecer científico, enquanto é ao mesmo tempo esta *reflexão própria* do conteúdo que apenas põe e gera sua *determinação* ela mesma.

O *Entendimento* determina e mantém firmes as determinações; a *Razão* é negativa e *dialética*, pois ela dissolve em nada as determinações do Entendimento; ela é positiva, pois ela gera o *Universal*, e concebe aí-dentro o Particular. Tal como o Entendimento é

tomado enquanto algo separado da Razão em geral, assim também a Razão dialética costuma ser tomada como algo separado da Razão positiva. Mas em sua verdade a Razão é *Espírito*; o qual é, como superior a ambos, Razão inteligível ou Entendimento racional. Ele é o Negativo, aquele que constitui a Qualidade tanto da Razão dialética como do Entendimento; – ele nega o Simples, assim ele põe a diferença determinada do Entendimento, [mas] ele também a dissolve, assim ele é dialético. Contudo, ele não se fixa em nada deste resultado, mas nisso é igualmente positivo e, com isso, tem assim estabelecido o primeiro Simples, mas como o Universal que dentro de si é concreto; sob este não é subsumido um Particular dado, mas sim naquele determinar e na dissolução do mesmo já se co-determinou o Particular. Este movimento espiritual que em sua simplicidade se dá sua determinidade e nesta se dá sua igualdade consigo mesmo, a qual é, com isso, o desenvolvimento imanente do Conceito, o método absoluto do conhecer e ao mesmo tempo a alma imanente do conteúdo ele mesmo. Somente [por] sobre este caminho que se constrói a si mesmo, afirmo eu, a Filosofia é capaz de ser uma ciência demonstrada, objetiva. Desta maneira eu tenho tentado apresentar o *Ser-consciente na Fenomenologia do Espírito*. O Ser-consciente é o Espírito como Saber concreto e, com efeito, como Saber embaraçado na exterioridade; contudo, o movimento contínuo deste objeto de conhecimento, como o desenvolvimento de toda a vida natural e espiritual, baseia-se unicamente sobre a natureza das *essencialidades puras* que constituem o conteúdo da Lógica. O Ser-consciente, como o Espírito que aparece, o qual se libera [por] sobre seu caminho de sua imediatidade e de sua concreção exterior, se transforma em Saber puro, o qual se dá aquelas essencialidades puras por objeto de conhecimento tal como elas são em si e para si. Elas são os pensamentos puros, o Espírito que pensa sua essência. Seu automovimento é sua vida espiritual e é isto pelo que a Ciência se constitui e cuja apresentação ela é.

Com isso é indicada a referência da ciência que eu nomeio *Fenomenologia do Espírito* com a Lógica. Com respeito à relação exterior [entre estas ciências], à Primeira parte do Sistema da Ciência*, que contém a Fenomenologia, se seguiria uma segunda parte, que deveria conter a Lógica e as duas ciências reais da filosofia, a Filosofia da Natureza e a Filosofia do Espírito, e assim o Sistema da Ciência estaria concluído. Entretanto, a

* (Bamberg e Würzburg, junto a Göbhard, 1807). Este título não figurará mais na segunda edição, que aparecerá na próxima Páscoa. Em lugar da segunda parte que eu me propunha a escrever, como direi mais adiante, e que deveria conter o conjunto das outras ciências filosóficas, tenho publicado desde então, a *Enciclopédia das ciências filosóficas*, cuja terceira edição saiu o ano passado. [Nota de Hegel, em novembro de 1831].

expansão necessária que se teria de conceder à Lógica por si mesma obrigou-me a publicá-la em separado; assim, em um plano mais extenso, ela constitui a primeira seqüência em relação à *Fenomenologia do Espírito*. Mais tarde publicarei a elaboração das duas ciências reais da filosofia [já] mencionadas. Este primeiro tomo da Lógica contém, entretanto, como primeiro livro, a Doutrina do Ser; o segundo livro, a Doutrina da Essência, que constitui a segunda seção do primeiro tomo, já está sob as prensas; o segundo tomo, contudo, conterà a Lógica subjetiva ou a Doutrina do Conceito.

Nuremberg, 22 de março de 1812.